ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

LISBOA EMPRESA DO JORNAL O SECULO

43 RUA FORMOSA 43

DESENHO ORIGINAL E INEDITO
DE SEQUEIRA

(Da collecção do sr. José Mauricio Ribeiro Valente)

Filho de paes humildes, Domingos Antonio de Sequeira, o maior dos pintores portuguezes, de cujos quadros «Adoração dos Magos», «Calvario», «Ascenção» e «Juizo Final», Raczynski, n'um transporte de maravilhada admiração, disse serem dignos da assignatura de Rembrandt, nasceu em Belem, aos 10 de março de 1768. Foi seu primeiro mestre, na Aula Regia de Desenho, fundada por D. Maria I, José Manuel da Rocha. Partindo para Roma em 1788, com uma pensão de 300$000, que lhe obtivera o marquez de Marialva, Sequeira matriculou-se na Academia de S. Lucas, tendo successivamente seus mestres Picola e Cavalucci. Regressando a Portugal em 1795, aqui se demorou até 1823, anno em que se expatriou para Paris, transferindo definitivamente em 1826 a sua residencia para Roma, onde morreu em 7 de maio de 1837.

OBRAS PRINCIPAES

«Adoração dos Magos», «Calvario», «Ascenção», e «Juizo Final», pinturas a oleo, as duas ultimas por concluir, no palacio dos srs. duques de Palmella, no Rato; «Instituição da Casa Pia», «Promulgação da Carta Constitucional», «Conversão de S. Bruno», «Santo Antão», «S. Paulo Eremita», «Santo Onofre no deserto», «S. Bruno em oração», e uma collecção de desenhos, comprehendendo 81 numeros, no Museu Nacional das Janellas Verdes; «S. Bruno em Meditação», no Museu da Academia do Porto; o «Retrato equestre de D. João VI» e uma collecção de desenhos, nos paços das Necessidades e da Ajuda; «Morte de Camões» e «Fuga para o Egypto», no Brazil.

No sabbado gordo, pela noite, ao cimo da rua Augusta, um *leão* acercou-se de mim tão inopinadamente, que eu não pude conter um sobresalto e talvez mesmo uma expressão de pavor. Então elle encarou-me, levou á juba, n'um gesto machinal, a garra adunca, e por entre as suas presas erectas, temerosas, escoou-se n'uma voz melliflua este rogo cortez e attendivel:

—O cavalheiro faz favor, diz-me qual é o carro do Intendente?...

Recobrado do susto, e mui ufano do ensejo de affirmar uma vez mais a primasia da intelligencia sobre a força, percorri com o olhar a fila dos electricos, e informei por fim:

—Não o avisto.

—Estou servido!—exclamou o rei das selvas, pondo-se a girar afflictissimo no passeio.—Estou servido! Com ensaio ás 6 na rua da Palma, descuido-me nas horas, e ainda me amolo por ahi com alguma rabecada do patrão!...

—Ah! o senhor está domesticado?—inquiri.

—Não, cavalheiro—explico
féra, deixando perceber um s
so constrangido.—Sou criad
tambem entro no carro lá da casa...

Ora bem, leitor benevolente e amigo:
se derreado leão que eu deixei na rua
gusta, agitando-se lamentosamente dentr
sua pelle bamboleante, cheio de medo de
tar ás horas prefixadas, tens incarnado o C
naval de Lisboa n'este anno de 1906, que vae
rendo: o impeto de liberdade, de prazer, de f
de retoiça brava e descabellada, que a Lei
costumes se dignam conceder ao pobre diabo
tes minguados tres dias de cada anno, suffoc
disciplinado, regularisado na deploravel ex
ração d'uma miseria por outra, o todo servi
de pretexto, quasi exclusivamente, á pedinc
dos dezréisinhos para um café, ou á propaga
commercial d'algumas das mais conceituadas
mas da nossa praça.

Se quizer referir-vos qualquer coisa galant
graciosa, hei de reportar-me á *matinée* de se

carro dos Zés Pereiras, «reclamo» da Colchoaria Hygienica, 3.º premio

da feira, no theatro de D. Maria, que as crianças gulosas de brinquedos encheram com o seu chalrear de avesitas em primavera eterna; sendo de notar que por feliz coincidencia coube ainda a essa casa d'espectaculos o dar-nos a unica noite espiritual, em meio da semsaboria dominante, com a interessantissima caricatura, d'um comico tão artisticamente doseado e equilibrado, que Adelina Abranches fez do sordido Harpagão, tal como o creou e interpretou entre nós ess'outro grande actor que é Ferreira da Silva.

O commandante do batalhão da Ajuda—«Charrette» dos srs. Carlos Barros, Manuel Barros e Fernando de Oliveira

Tirante isto, todo o interesse do Carnaval d'este anno se concentrou nas batalhas da Avenida, para onde uma vaga *Liga das Festas Carnavalescas*, com estatutos e legalmente habilitada, empurrára á fina força a população lisboeta, no cavilloso intuito de a deixar sem Entrudo ou sem camisa, á livre escolha do alfacinha descuidoso.

A Avenida foi com effeito, durante esses tres dias memoraveis, mais

Automovel do sr. Carlos Carvalho—O carro do Rei Carnaval

que uma faixa de terreno debilmente vedada por alguns fios d'arame e por alguns espeques de pinheiro tosco; as inexcediveis precauções da avara *Liga* transformaram esse reducto n'uma especie de fortaleza posta em armas, e na qual se não entrava facilmente sem as prévias instrucções de quem quer que a governava. Penetrar no recinto da batalha de flôres, mesmo munido de bilhete, era soffrer as penas e trabalhos d'uma iniciação.

Assim pois, apresentava-se uma creatura de Deus com a sua senha, transpunha um dos estreitos espaços livres de rêde, e já ia buscando entre as cadeiras o numero da sua respectiva, quando um personagem se lhe abeirava, cortez:

— Perdão, tenha a bondade de sair. Esta entrada, aqui, é p'ra cavallos.

Retirava-se o folião, sempre de senha á frente, contornava o arame esticado e inflexivel, e cuidava de enfiar-se pela primeira abertura que o acaso lhe deparava, quando surgia novo cerbéro, attenciosamente:

—Perdão, cavalheiro. Aqui esta porta é p'ra os vehiculos...

Desapontado, o homem coçava a cabeça, olhava o fiscal com um ar d'angustia, e de novo encetava a caminhada, arames fóra, até que uma nova solução de continuidade viesse indicar-lhe o ensejo de tentar ainda uma investida á praça; mas mal arriscára o primeiro passo ardiloso, quando um sujeito se intromettia, delicadamente:

—Perdão, cavalheiro. Por aqui só entram os peões...

Descomposto de todo o alfacinha folgasão cerrava os punhos, vociferava mesmo:

—Mas então, diga-me cá: que sou eu senão peão?!

—Peço desculpa —acudia o outro imperturbavel. — O cavalheiro é cadeira.

A tão decisivo argumento, o homem da senha deixava pender os braços, capitulava, solicitava implorativamente:

—E o senhor não me indicará, pouco mais ou menos, por onde entram as cadeiras?

— Cadeiras é para cima — informavam alguns curiosos.

Judeu Errante d'um destino novo, o dono da cadeira põe pernas á viagem, segue sempre ao longo do fio fatal que lhe limita o caminho, e só lhe rebrilha no olhar a esperança quando uma outra porta a distancia, emfim se lhe patenteia. Estende a senha, arremette, vae cantar victoria — mas eis tão um circumspecto personagem adeanta-se e objecta:

—Perdão, cavalheiro. Esta senha é para o lado occidental...

—Hein?!—brada o infeliz, desesperado.

—Lado occidental—repete serenamente o interlocutor.

—Então? e agora?

—Agora... entra pelo outro lado.

O carro do Rei Carnaval—Tuna Escolar de Madrid—O carro dos Zés Pereiras

O caminheiro está, por esta occasião, na rua dos Condes. Desce, palmilha o resto da Avenida, avança pelos Restauradores, costeia o largo de Camões, sobe os Restauradores, galga um trecho da Avenida, attinge a praça da Alegria, encontra finalmente a sua porta, entra, procura a sua cadeira, senta-se... e não vê ninguem!

Apenas ao longe, muito ao longe, um carro se avisinha, ao trote desconcertado de duas pilecas de praça. Quatro madamas de escuro, rostos de convalescentes, pompeiam nas almofadas. Então, o alfacinha reinadio arregala o olho, chama a si as energias gastas, tira do bolso dois *bonbons*, acerta-os no regaço da ma s velha, que o fita com um olhar de estranheza.

— Incivil! — murmura a senhora, entre dentes.

E a equipagem segue, no instante em que outra se approxima, ornamentada a cobrejões alemtejanos.

E' o momento de puxar o folião d'uma serpentina, arremessal-a ao trem, o que provoca entre as damas que o occupam uma discussão ardente:

— Eu conheço aquelle sujeito.

— E' o Brito.

— Não é tal!

— Ora essa...

— É o Sousa de Setubal.

— Oh! menina, é o Brito! Não conheço eu o Sousa?

— Então e eu, não sei distinguir o Brito?

Sr. Alexandre Fernandes, trajando á marialva

Aspecto da Avenida

S. M. a rainha D. Maria Pia com a sr.ª marqueza de Unhão e o sr. coronel Benjamim Pinto —Carro do sr. Gabriel Macieira — A cavalgada das noivas, que ganhou um dos premios

—Pois se o Sousa tem lunetas...

—Pois tambem aquelle as tinha.

—Isso não!

—Tinha oculos.

—Sério?

—Asseguro-te!

—Ah! se tinha oculos, é o Brito.

E estabelecida a identidade do Brito, a dama do caleche toma finalmente uma flôr do cesto, lança-a no ar com um gesto affectado e precioso...

Porém já uma carripana monumental, em forma de capella de jazigo, puxada a tres, avança em passo frouxo. O da cadeira, que está ali para gosar o seu Entrudo, arrisca ainda um terceiro *bonbon* ao tempo em que de lá lhe retribuem, solicitamente, com um cartão-réclame da pasta *Unalliric*, irresistivel para os callos e em caso de unha encravada...

Por detraz d'isto, de quando a quando, um regimento—cincoenta, cem homens que passavam enfileirados, alinhados, e com tal garbo e convicção, tamanha seriedade e catadura tão fera, que os nossos indefesos hospedes da tuna madrilena

todos se desenhavam, pelos coretos, em fifias... de pura raiva.

Decerto, uma meia duzia de trens quizeram pôr nas festas da Avenida uma nota de originalidade e de aristocratica elegancia; mas mal o lograram, os coitados, á mistura com a enxurrada de carroções reclamisando em taes termos e com tão detestavel gosto os productos commerciaes indigenas, que aquelles prestitos de domingo e segunda constituiriam por si o mais elucidativo relatorio e a mais solida documentação para o ministro da fazenda que n'uma hora

Tuna de Compostella — O sr. Luiz Sande, de chinez, premio do jornal «O Touriste» - Carro do sr. Jorge Collaço

Um aspecto da Avenida

A actriz Cecilia Machado e suas irmãs

lucida quizesse abolir de golpe as nossas ferocissimas pautas proteccionistas...

Dizem-me que o Entrudo d'este anno teve o consideravel merito de resultar n'uma obra de caridade. D'onde logicamente, dentro do systema de premiar em Portugal os rasgos de philantropia, qualquer de nós encontrará em breve sobre a sua secretaria um pequenino cartão lithographado, assim rezando:

O Conselheiro Carnaval a cumprimentar

ANNIBAL SOARES.

(*Clichés de Benoliel*)

O CYCLO DAS PROCISSÕES

Cinzas: entrámos em plena Penitencia.

A Egreja vestiu-se sumptuosamente de seda rôxa. Á vertigem do baile succedeu a calma da liturgia. Depois da mascara,—as camandulas. Em seguida ao Riso,—o *Memento homo*. Colombina passou a chamar-se—Santa Thereza de Jesus. O sr. Desforges cedeu amavelmente o logar a S. Gregorio. A Bulla substituiu o Edital. A esta hora, meia humanidade bate nos peitos,—e a outra meia dorme. Já não é Veneza que tem a palavra: quem fala agora é Roma.

Com a Cinza, abriu-se o Cyclo das Procissões. D'aqui por diante, succeder-se-ha pelas ruas, sob varias invocações e sob varios pretextos, a marcha procissional das grandes communidades e das grandes imagens. É o tributo pago pela Egreja ao povo. É a expressão mais largamente democratica do catholicismo romano. A multidão, ainda somnolenta, ainda entorpecida da ultima orgia, assistirá contricta ao desfilar das charolas e dos pallios. Pierrot trocou a sua *calotte* branca pelo chapeu purpureo de cardeal. Principia a exhibição da nossa miseravel estatuaria religiosa. O calendario, pontualmente, escrupulosamente, vae marcando os dias solemnes e os sahimentos sumptuosos. As velhas imagens, empallidecidas por uma longevidade de seculos, envelhecidas como creaturas humanas, crestadas pela poeira e pelo incenso,—dão finalmente o seu passeio hygienico em pleno sol.

Principiou a Quaresma.

⊛

A velha Lisboa do seculo XVII e do seculo XVIII era, pouco mais ou menos como a Sevilha d'hoje,—uma cidade de procissões. A procissão constituia, por assim dizer, o unico divertimento do povo. Quando entrava a Quaresma, Lisboa enchia-se de galas, como para uma grande festa. As «sécias» começavam de vespera a compôr os penteados, os rosicléres, a pensar nos mantos e nos vestidos. As janellas armavam-se de damascos vermelhos, derramava-se areia nas ruas. Mais tarde, sob a Intendencia de Pina Manique, as luminarias prolongavam os festejos pela noite. As «Turinas» do tempo aconselhavam aos faceiras elegantes *«que em dia de procissões tomassem pillulas d'azougue, bebessem janellas e engulissem cortinas»*. Os bandarras empenhavam os capotes para poder andar de sége n'esses dias. Era um delirio, era uma azafama, ninguem parava, as danças cruzavam as ruas, os pretos trombeteiros ensurdeciam os devotos, a cidade inteira cheirava a alecrim.

A primeira procissão sahia logo na quarta feira: era a procissão da Cinza. Descia da egreja de S. Francisco, dava uma curta volta, e regressava, com as cinzas bentas no seu cofre de prata, entre alas immensas de povo. A ultima vez que a fizeram foi em 1869. Seguia-se a procissão dos Passos da Graça, logo na segunda sexta feira depois do Entrudo. Era a grande festa dos piedosos eremitas de Santo Agostinho: datava do anno de 1578. A sumptuosa imagem, com o seu enorme resplendor d'ouro, offerta do Senhor D. João V, ia todos os annos, cambaleando, fazer a sua visita de vinte e quatro horas aos jesuitas de S. Roque. Oito dias depois, sahia o Senhor dos Passos do Desterro. Havia uma curta trégua em que os peraltas poliam os espadins, compravam fivellas novas para os sapatos e polvilhavam melhor as cabelleiras. Vinha então o grande dia da procissão do Triumpho,—uma das mais celebres de Lisboa. Esta procissão, que sahia do Carmo, deixou de fazer-se em 1755, e foi restaurada mais tarde por um legado pio: é a procissão dos nús, serie immensa de mamarrachos que em tempos encheram de devoção as alcoviteiras de rengos brancos e as beatas de jozésinho. Da procissão da Annunciada, que deixou de fazer-se pelo terremoto, pouca memoria resta. Sabe-se apenas que era uma das procissões nobres da cidade, que n'ella se faziam representar o senado da camara e a Casa dos Vinte e Quatro com os seus estandartes. Logo em seguida, na primeira quinta feira de maio, sahia a procissão da Saude e de S. Sebastião, que data da peste grande de 1570. Os dois andores, ladeados de opas azues e brancas, de balandraus vermelhos e murças côr de café, subiam das portas da Mouraria á basilica de Santa Maria Maior, cantava-se o *Te-Deum*, e entre danças de collarejas e de ciganas voltavam de novo á sua pequenina ermida. Mas a mais rica, a mais antiga, a mais solemne procissão de Lisboa, a que voltava a cabeça ás «secias» e ás devotas, a que constituia a maior festa da cidade, aquella para que se armavam de seda rôxa todas as janellas e para a qual todas as elegantes de 1780 se penteavam «á allemôa» e se enchiam de joias,—a grande procissão por excellencia, a que mais commovia e divertia o povo,—era a procissão do *Corpo de Deus*. D. Rodrigo da Cunha, na *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, dá-a como datando do seculo XIII, entre 1260 a 1261. É a avó das procissões pela antiguidade,—e a rainha pela sumptuosidade. N'outro tempo levava gigantes, mascarados, tourinhas, charamellas, a sérpe, o drago,—e adiante ia o Rei David dançando. D. João V, em virtude dos escandalos que semelhantes exhibições occasionavam, reformou a procissão do *Corpus Christi*, regulamentou-a, e o sahimento, que se fazia dos Martyres, passou a fazer-se da Capella Real. Lisboa inteira areava as ruas, erguia mastros, desdobrava tapeçarias e vestia-se de festa. As cento e nove columnas dos Arcos da Rua Nova recobriam-se de damasco vermelho.

Os côches, os estufins, as berlindas, as séges

ricas cruzavam-se, emmaranhavam-se, chispavam oiro ao sol. Ás 7 horas da manhã começava a sahir a procissão, lenta, immensa, solemne, com as suas basilicas enormes symbolisando as egrejas reaes, o seu S. Jorge cuja devoção nos ficou dos inglezes, os seus negros trombeteiros, a sua bicha de conegos de dalmatica e de irmandades d'opa, e por ultimo o Patriarcha sob o pallio de sete pannos d'oiro, a cujas varas pegava D. João V e toda a côrte. Era, para esta velha cidade, a maior festa do anno. Os ginjas desembargatorios deixavam a sua casaca pesada de camelão de França para vestir uma casaca léve de verão. Era o dia official em que a primavéra terminava. Pina Manique, para divertir o povo, para o afastar dos cafés, para lhe varrer do espirito as leituras da Encyclopedia e o espéctro da Revolução, acabava de inventar na grande noite do *Corpus Christi* as luminarias das ruas. Era n'essa noite memoravel que por volta de 1790, Bocage, de capote de baetão azul e sapatos rotos, glosava de guitarra em punho, entre o povo, os motes que lhe atiravam das janellas. Mas Lisboa não descançava ainda; o cyclo das procissões não estava encerrado. As «sécias» mal tinham tempo para respirar. D'ahi a oito dias, os mantos de lustrina cuidadosamente dobrados nas arcas, voltavam a vêr o sol e o alecrim das ruas: sahia dos Paulistas a *procissão do Coração de Jesus*. E como se esta ainda não bastasse, com a sua irmandade, os seus dez andores e o seu S. Benedicto, — já no dia 5 de agosto se realisava a mais pittoresca, a mais original e a mais typica procissão da cidade: a *procissão dos Ferrolhos*. Este curioso cortejo levava no andor a Senhora das Neves, e sahia á meia noite da egreja de Santo Antonio a caminho da Penha de França. Os irmãos iam batendo aos ferrolhos das portas, de rua em rua, para chamar os fieis, e d'ahi o nome que lhe ficou na historia, desde que o cidadão D. Juliannes a instituiu em 1599, por occasião d'uma violenta peste. Com a *procissão dos Ferrolhos*, que se tentou resurgir em 1855, mas que ha mais de cem annos se não faz, encerrava-se caracteristicamente, no seculo XVIII, o cyclo das procissões lisboetas.

◎

Hoje, d'estas procissões, poucas ficaram. Essas mesmas, como a do *Corpo de Deus*, estão reduzidas a uma volta curta. Os *nús* da procissão do Triumpho, vestiram-se. O século da radiographia, dos automoveis, dos grandes *records* de velocidade e do telegrapho sem fios, não se enthusiasma já com os sete pannos d'oiro do pallio patriarchal nem com a imagem cambaleante do guerreiro S. Jorge. Os elegantes do século XX, os «faceiras» modernos de S. Carlos e do Gremio, preferem uma ceia agradavel no Tavares ao toque de ferrolhos dos seus antepassados pelo pino da meia noite. Já não ha ingenuos que se enthusiasmem, — nem com religião, nem com politica. A unica procissão que ainda guarda um certo caracter fidalgo é justamente aquella que no seculo XVIII tinha menos importancia official: a do Senhor dos Passos da Graça, — imagem capitalista, imagem distincta, imagem civilisada. O sr. conde do Mesquitella não tem de incommodar-se a descrever «toilettes de procissão», como descreve toilettes de theatro, toilettes de baile, toilettes de *garden-party*. Já ninguem veste fatos novos no dia do Corpo de Deus. O elegante d'hoje, quando lhe falam de procissões, — põe o chapéu na cabeça, accende um charuto... *et s'en fiche*.

Para elle, a Cinza da penitencia é, quando muito... a cinza d'esse charuto!

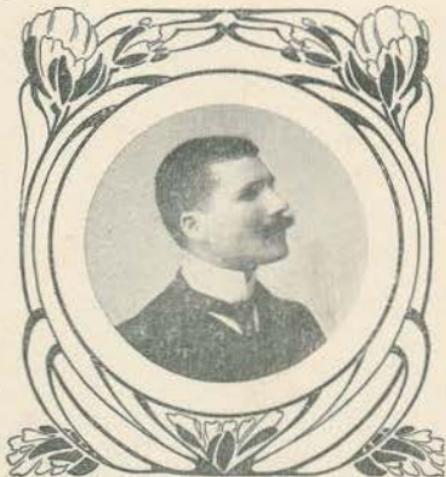
UM PINTOR PORTUGUEZ PRESO EM CONSTANTINOPLA

Um portuguez em Constantinopla é cousa tão rara de vêr como um turco em Lisboa. Apenas se, de longe a longe um funccionario do Estado, um *touriste*, um diplomata ou um *sport-man* contemplam á pressa os minaretes de Santa Sophia e a scenographia maravilhosa do Bosphoro e retrocedem inquietos, como quem volta do fim do mundo. Dos ultimos portuguezes que visitaram a velha Byzancio de Theodora sabemos que foram os srs. conde e visconde do Ameal, em viagem de recreio, os srs. Antonio Praia e Augusto Bruges, em automovel, o sr. Roque da Silveira em missão official da direcção geral de agricultura e o pintor Raul Maria Pereira em accidentada viagem de estudo.

Que outra cidade da Europa, mais do que Constantinopla, para seduzir um pintor? Constantinopla é o Oriente a tres dias de Paris, em *sleeping-car*: o Oriente ao mesmo tempo luminoso e tenebroso, feerico e tragico, das conspirações, das mulheres veladas, dos gyneceus, da polycromia e da polygamia, do ouropel e do farrapo, dos altos rumores e dos pesados silencios. A fascinação que a capital millenaria do christianismo e do islamismo exerce sobre as imaginações dos artistas é immensa, sobretudo para os pintores, eternos enamorados do pittoresco e do colorido. Mas as aventuras de que acaba de ser protagonista um pintor portuguez devem servir de aviso aos artistas que projectem viajar na Turquia.

Raul Maria Pereira, de quem o leitor não terá talvez ouvido falar até hoje, é uma das mais singulares figuras de artista da actual geração. Transmontano, oriundo de uma familia modesta das cercanias de Bragança, sem protecções, quasi sem cultura, guiado apenas por uma intuição de arte pouco menos do que ingenua, Raul Maria appareceu ha uns dez annos no Porto, matriculou-se na Academia de Bellas Artes e, apenas conhecido de meia duzia d'artistas, fez silenciosamente o seu curso, sendo nas provas finaes de pensionista do Estado preterido por um alumno da Academia de Lisboa. Outro teria succumbido. Raul Maria não desfalleceu. Aqui principia para elle um periodo de lucta, com todos os sobresaltos e vicissitudes da pobreza. N'esse rapaz bisonho, trigueiro, desconhecido e timido, sem dinheiro e sem nome, acordam as energias e a fortaleza de um bellnario. Mas nas exposições a que concorre, ninguem o vê, ninguem dá por elle, ninguem o nota. E entretanto, bastaria analysar por momentos a sua obra para se descobrir no pintor sobrio, um pouco rude e secco, inexperiente e sombrio, um raro sentimento esthetico e a nobre elevação de uma alma de artista. Mas ninguem sabia d'elle. Esse provinciano inculto era um intransigente. Esse plebeu era um orgulhoso. Esse vencido era um calado. Se alguem se interessasse por elle e o seguisse de perto, na sua silenciosa lucta de obstinado, surprehender-se-hia ao vêl-o partir duas vezes por anno, com a bagagem simplificada de um pobre e com a sua paleta, a sua caixa de tintas e os seus pinceis, para Salamanca e Madrid. O que ia fazer esse rapaz triste a Madrid? Vêr Velasquez. Vêr Rubens. Vêr Goya. Vêr Ribera. O que jantava esse viajante pobre? Pouca cousa. A sua vida confinava-se no museu do Prado. Dormia e estudava. Quando a ultima peseta se ia embora, regressava ao Porto, mais calado e mais triste. Passados tempos abalava no comboio do Douro para Salamanca. Ia vêr a Casa das Conchas, o palacio de Monterey, a torre de Clavero, a praça das Escolas Menores, a Plaza Mayor, as cathedraes, as egrejas de Santo Estevão e do Espirito Santo, o convento das Donas.

A velha cidade historica, povoada de sinistros palacios e ostentosas egrejas, obsecava a imaginação requintadissima d'esse provinciano simplorio e rude. A ancia de viajar e de vêr não o deixava em repouso. Mas a vida tem as suas implacaveis exigencias. N'um triste dia, o admirador de Velasquez entrou, como associado, na photographia União. Para qualquer outro, teria sido definitivamente o fim de uma carreira. Raul Maria não deixou de pintar. Foi ali mesmo, n'essa photographia onde resignadamente o artista ganhava o pão da vida, que o visconde de S. João da Pesqueira, addido de Portugal á embaixada pontificia, o foi encontrar e lhe offereceu o que o Estado lhe recusára: uma pensão em Roma.

Raul Maria fez as malas, despediu-se de tres amigos, liquidou sem lucros o seu commercio de photographo e partiu. Mas em Roma, como no Porto, o artista permanece o mesmo: silencioso, timido, esquivo e concentrado. A sua inquieta predilecção pelas viagens não cessa. Raul Maria continua a sua peregrinação. Não é já Salamanca e Madrid. E' agora Veneza, Budapest, Vienna, Trieste, Napoles, Florença, Athenas, Constantinopla. Esse transmontano bisonho e inculto, tão fervorosamente apaixonado pelas artes, vae de museu em museu, de terra em terra, por toda a parte onde reside a Belleza, capaz de sacrificar o jantar de hoje e o almoço de amanhã pela contemplação de uma Virgem de Raphael ou de uma tela de Veronese. E é então, n'estas viagens de artista bohemio, com um cavallete articulado debai-

RAUL MARIA PEREIRA

UMA RUA EM CONSTANTINOPLA
(Croquis de Raul Maria)

SANTA SOPHIA
(Croquis de Raul Maria)

xo do braço, o lapis e o giz no bolso da jaqueta, uma actividade febril, immoderada, infatigavel, de tudo anotar, de tudo copiar, de tudo vêr, de tudo admirar. São, em Athenas, mil *croquis* da Acropole, do Parthenon, dos templos de Theseu, de Jupiter Olympico e da Victoria, dos theatros de Bacho e de Hercules. Em qualquer praça ou viella, diante de uma mulher ou de uma ruina, o pintor arma o cavallete, puxa do lapis, desenha, fixa em dois traços vigorosos, sobrios, admiravelmente suggestivos, de uma nitidez de visão surprehendente, o aspecto, a physionomia das cousas e das gentes, com o expedito talento de um observador emerito e inegualavel. Por fim, *desenhada toda a Grecia*, o pintor parte para Constantinopla. Mas já não é o artista pobre, que em Salamanca se hospedava na *fonda* do Commercio. Longe da patria, o artista prospera. Como ao ingrato e vingativo Leal da Camara, que se engrandeceu no exilio, ao affectuoso e bom Raul Maria foi necessario sair de Portugal para que lhe reconhecessem o talento. E' no hotel *Constantinople-Palace*, da Grande rua de Péra, que se hospeda o artista, durante mais de um mez, com os confortos de um diplomata. Como vae longe o tempo das viagens economicas de Madrid e das injustiças crueis dos professores da Academia, das provações do concurso de pensionista e dos dias amargos da photographia União!

Mal chegado, porém, a Constantinopla, Raul Maria arma o seu cavallete, apara os seus carvões, sae para a rua e é preso. Embora! Um transmontano não desiste facilmente ante a selvageria de um turco. Solto, horas depois, Raul Maria reincide. E' novamente preso. Não importa! Por quatro vezes o prendem, o fecham n'um calabouço, de mistura com faccinoras e vadios, por ser encontrado a desenhar e a pintar no meio da rua. Consulado de Portugal é coisa que não ha em Constantinopla. O consul de Italia, que representa Portugal, pouco se interessa com a sorte de um artista, que não lhe foi recommendado pelas chancellarias. Raul Maria, a despeito de tudo, desenha e pinta. Apedrejam-o n'uma rua? Desmonta o cavallete e vae desenhar para outra parte. Arremessam-lhe terra á paleta? Resignadamente, Raul Maria sacode-a. E quando, por fim, sae de Constantinopla, Raul Maria leva a pasta cheia de desenhos, de notas, de manchas coloridas, de aguarellas, de carvões, de *pasteis:* um pequeno thesouro conquistado ao turco, onde não faltam as figuras dos esbirros de Abdul Hamid e os *croquis* dos calabouços.

...Mas ao menos, na Turquia prendem-o. Em Portugal nem o viam!...

UMA RUA DE CONSTANTINOPLA
(Croquis de Raul Maria)

I

A LEGAÇÃO DE PARIS

A Legação de Portugal em Paris, a que toda a gente—prognosticando acontecimentos proximos—chama, desde ha muito, *Embaixada de Portugal*, é hoje, sem contestação, uma das mais importantes chancellarias de Portugal no estrangeiro. As relações d'ordem moral, material e politica que nos unem á França explicam, de per si, esta supremacia demonstrada. Realça-a o brilho das viagens da nossa familia reinante á capital da grande republica. E, ainda como consequencia d'estes factos, os nossos compatriotas, de ordinario tão *cazeiros*... como os francezes, affluem hoje a Paris, em numero assáz consideravel—não apenas pela quantidade. Não são estranhos á benevolencia com que aqui nos distinguem os meritos e a origem da excelsa rainha de Portugal. Sei mesmo que a França inteira nos disputa essa graça e essa bondade, reclamando, por direito hereditario, um thesouro de que nos ufanamos. Este grande paiz, que é o coração e o cérebro do mundo, não podia deixar de ser, como é, o vasto centro convergente de toda a energia universal: a constellação espiritual por onde passa e refulge o meridiano da idéa humana. A Inglaterra é o corpo d'um mundo perfeito, de que a França é a alma, inspiradora e dolente. Talvez por isso, estabeleceu-se, surdamente, entre as duas maiores chancellarias de Portugal na Europa, uma grande emulação, salutar e benefica. Trata-se de saber onde mais se infiltra e propaga o nosso espirito e o nosso... interesse: se na França, a constante alliada do coração e do pensamento; se na Inglaterra, a alliada secular da tradição dynastica. E, como quer que seja que se trate d'um simples... *pleito*, familiar e altruista (a questão derime-se, como se vê, entre vizinhos), a victoria da causa patriotica foi rapidamente bi-partida: porque ambas as partes venceram.

Iniciando uma série de visitas ás Legações de Portugal no estrangeiro, começaremos, arbitrariamente, pela de Paris. A photographia original ajudará, com a exhibição d'installações que nos não deprimem, a rapida descripção dos caracteres a quem, cá fóra, incumbe a defeza sagrada do nosso paiz. O trabalho das chancellarias, tendo como qualidade basica a discreção e o comedimento, é, por isso mesmo, e muitas vezes, mal apreciado pela generalidade do publico. Dos factos terminaes, que veem á suppuração da publicidade, extraheam-se commentarios injustos ou inadequados. Não basta conhecer a finalidade da gestão d'estes negocios, em que a Patria vive, intensa e una. E' preciso fortificar as energias collectivas, com os prolegomenos dos factos, em que a verdade sobresae. E a melhor forma d'attingir este fim é, decerto, a apreciação d'alguns dos homens sobre quem peza a responsabilidade tremenda da nossa representação, cujo lemma deve ser o do almirante Tourville, que aliás combateu nas costas de Portugal:

A Patria ordena-nos que nos sacrifiquemos por Ella!

* * *

O conde de Sousa Rosa, ministro de Portugal em Paris, debutou na arte das chancellarias—a arte de lidar com inimigos e concorrentes—tratando com o imperio da China, esse baluarte inexpugnavel da arguciа e da duplicidade humanas. D'essa util e memoravel missão nos resta, por signal, além d'um substancioso relatorio, uma esplendida descripção da viagem, devida á pena elegante do secretario da embaixada, que é hoje o illustre secretario d'El-Rei. Mas, aos diplomatas não basta apenas o dom innato de vocações tão nitidamente comprovadas. É-lhes indispensavel o estudo, demorado e profundo, dos homens e das coisas universaes. A primeira é o alicerce de que o segundo é o edificio. Sousa Rosa foi educar em Washington o espirito atilado que revelára em Pekin. Está hoje em Paris, na ultima *étape* d'uma fructuosa carreira; o que não quer dizer,—pelo contrario,—que seja esta a ultima d'uma vida official ao serviço da nação.

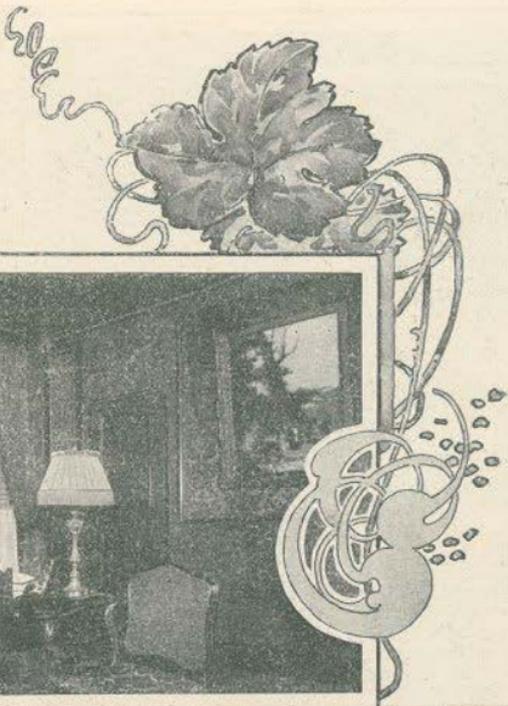
vezes, mais difficil impressionar pelo silencio calculado, que convencer o *ouvinte* pelo uso immoderado da palavra ôca, que Shakespeare stygmatisou: *Words! Words! Words!* Diplomata em fóco — diplomata moderno — o conde de Sousa Rosa não desdenha, porém, o convivio dos jornalistas, esses *collegas* tagarellas, que representam o quarto estado. Senta-os á sua meza; ouve-os; informa-os; mas sem abstrair um instante da reserva sigillosa da sua alta funcção. Saber receber os Delcassé, e... despedir os Reilhac — pólos oppostos da sciencia diplomatica — eis o segredo precioso da aristocracia do funccionalismo a que pertence

Inutil pormenorisar a dedicação d'esta carreira. Os diplomatas modernos não carecem, talvez, do genio aventuroso — *cara deum soboles* — de Tailleyrand-Perigord: o verdadeiro precursor da *Entente Cordiale*. Necessitam, sem duvida, do «saber só d'experiencias feito», saber ante-rhetorico, que fez de Eduardo VII o primeiro diplomata moderno, sob a égide da Paz. Por isso se diz que é, sobretudo, nas chancellarias que o silencio é de ouro. Nos proscenios da diplomacia, como nos que retratam a vida real, é, por

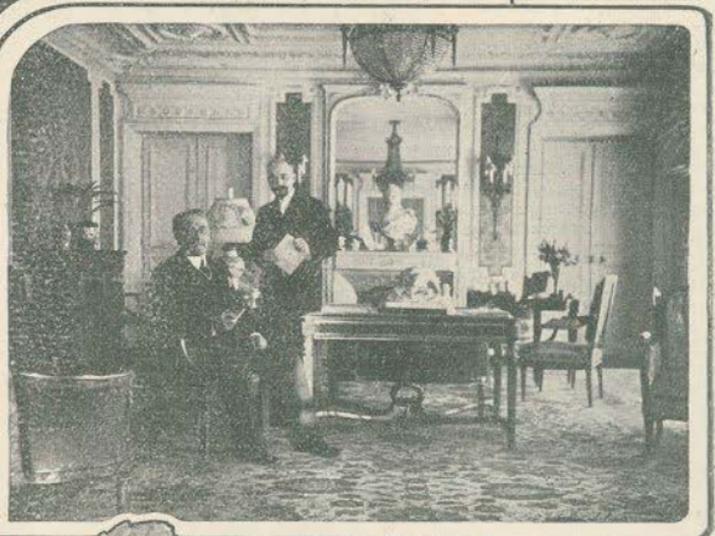
A CHANCELLARIA
O chanceller, sr. Lacotte, e o continuo

O conde de Souza Rosa, o dr. Cisneiros Ferreira e o dr. Jayme Séguier

Sousa Rosa. N'ella brilham apenas os que sabem alliar á pujança d'uma energia sempre alerta um bom senso superior e intravavel. Uma outra qualidade de quem exerce o mando supremo é o saber seleccionar os executores das suas ordens, os collaboradores dedicados de cada dia. N'este ponto, o ministro de Portugal não foi apenas perspicaz: foi feliz.

Por sobre tudo isto, nem a distinguil-o

O conde de Sousa Rosa no seu gabinete de trabalho

lhe falta a nobreza inconfundivel d'uma boa figura, esse *valor externo*, essa «carta de recommendação», preconisada por Lamartine,—o chefe genial da diplomacia franceza de 1848.

Figura d'um grande destaque, a do prestigioso conselheiro da legação. Chamam-lhe a *joia da legação*, o que não quer dizer que não existam no palacio da rua de Lubeck eguaes *valores*... entendidos.

O ministro de Portugal o conselheiro Bartholomeu Ferreira, na sala de recepção.

Este invejavel e conhecido cognome conquistou-o Bartholo neu Ferreira pela alteza da sua bomdade, só comparavel ao brilho intenso do seu espirito.

O conde de Sousa Rosa no seu gabinete de trabalho

Raramente a modestia mais descabida deixa transparecer, em plena exhuberancia, uma tão perfeita encarnação do *métier*. Vive em Paris ha nove annos. Ha nove annos que elle conquistou, com os altos primores da sua educação e do seu caracter, não só as sympathias do Quai d'Orsay, mas as da propria Rainha... do Sena. De que filtros suaves elle dispõe para attingir, d'um passo, a barreira immensa d'este aristocratico e fulgurante espirito francez!... E' que, para melhor julgar os homens, Bartholomeu Ferreira sabe *viver* com todos os homens, e exercer o mesmo poder d'insinuação em todos os meios sociaes. A esta espontanea faculdade d'adaptação, deve elle—devemos todos nós—o ser, por todos, e por toda a parte, tão querido como respeitado.

As portas da sua casa e as do seu gabinete estão sempre abertas, de par em par, para a todos receber, proteger e... aconselhar. O seu conselho, prudente e sabio, fez d'elle mesmo, o mais sincero e escutado conselheiro. Era-o muito antes de o ser... officialmente. Era-o por inclinação natural do seu espirito, por amor *pantheistico*, geral, immutavel, a tudo quanto, cá fóra, tenha o nome portuguez ou respeite a Portugal. Velho secretario de legação, guindado a novo posto pela simples imposição dos seus merecimentos, Paris sente já por elle a saudade antecipada, que prenuncía as grandes perdas. Chamado a exercer mais alto cargo, devemos perdel-o, muito em breve. Mas o seu exemplo ficará. Porque Bartholomeu Ferreira obedeceu, sempre, á sublime divisa das *Odes* de Goethe:

...«Que o homem seja sempre nobre e bom:
Isso só'o distingue
Dos outros animaes...»

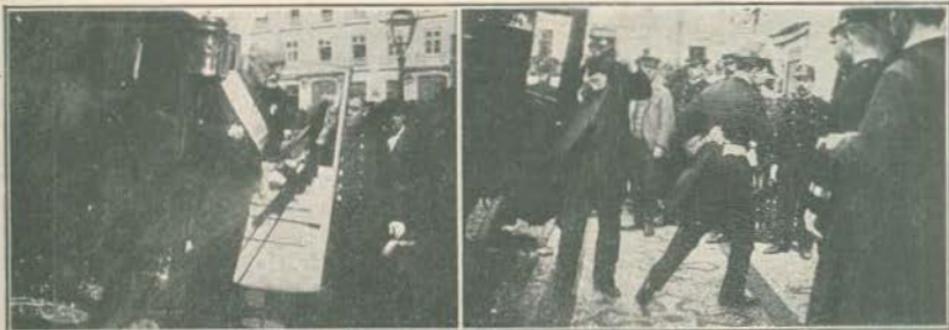
«Não fazem mal as Musas aos Doutores.» E não ha duvida que *fazem bem* aos diplomatas. Prova-o o poeta Jayme de Séguier, consul geral e addido commercial. E não deprimem, antes realçam de singular relevo, estas qualidades do representante do paiz, as que põem em evidencia o escriptor scintillante e o jornalista vernaculo.

Jayme de Séguier descende, em linha recta, d'uma soberba estirpe de «consules-geraes», de que foi *1.º consul* (ou Napoleão), o fundador da dynastia: Eça de Queiroz. N'este primado do genio... consular, Jayme de Séguier tem apenas como... *concorrente*, a grande actividade espiritual d'um outro Jayme...

...Batalha Reis — o irmão siamez de Séguier.

Paris, fevereiro, 1906. ALMADA NEGREIROS.

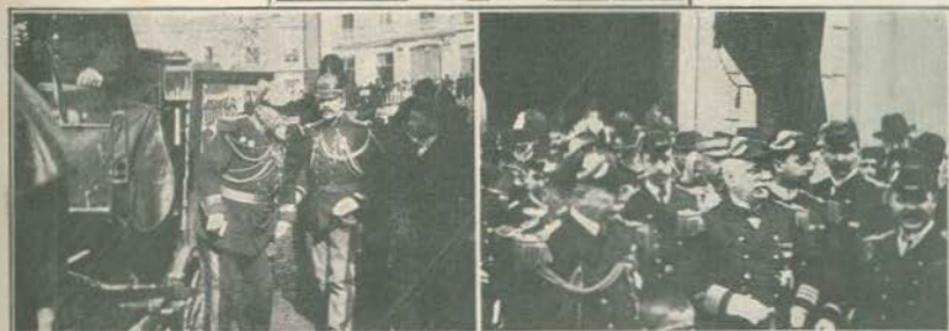
Vestibulo da Legação de Portugal em Paris

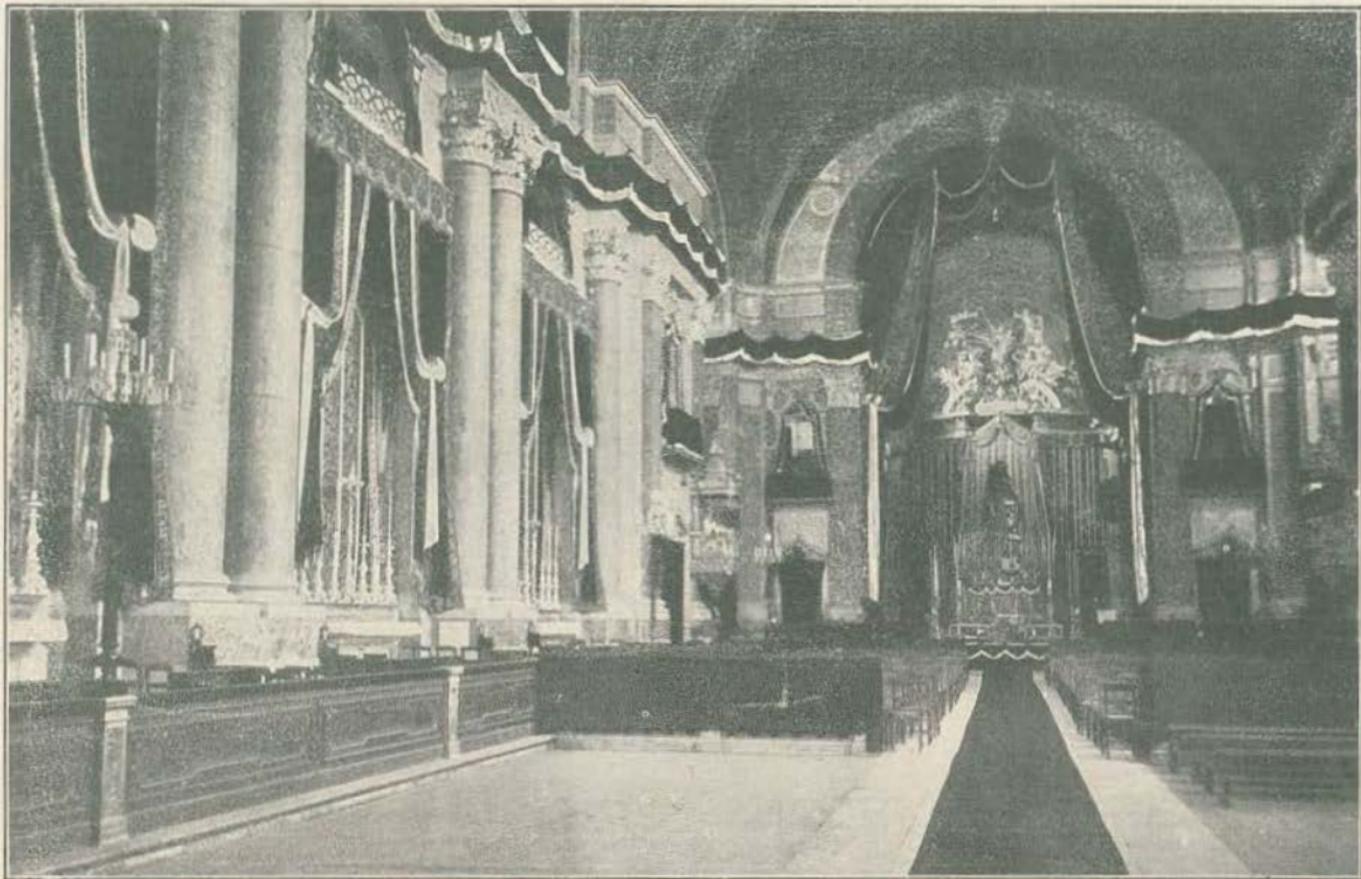
(Photographias de Leon Bouët expressamente tiradas para a «Illustração Portugueza»)

O sr. conde da Ribeira Grande representando S. M. a Rainha D. Amelia

O sr. conde de Penha Garcia ministro da fazenda

Na sexta-feira, 24 de fevereiro, celebraram-se na egreja de S. Domingos as exequias promovidas pelo illustre ministro do Brazil, dr. Alberto Fialho, e pela colonia brazileira, em suffragio das victimas do *Aquidaban*.

El-Rei, as duas Rainhas, Suas Altezas o Principe Real e o sr. Infante D. Affonso fizeram-se representar pelos srs. conde de Tarouca, conde da Ribeira Grande, conde de Redondo e Vimioso, D. Antonio de Noronha (Paraty) e tenente Serpa. Á funebre ceremonia, que revestiu uma magestosa imponencia, assistiram o ministerio, a casa militar e civil de El-Rei, o conselho de Estado, o corpo diplomatico, os ministros de Estado honorarios, as mais altas patentes do exercito e da armada, os representantes das duas casas do Parlamento e uma força de 60 praças da marinha de guerra, commandada pelo 2.º tenente sr. Bernardo de Alpoim. Toda a grande nave da egreja, até ao transepto, scintillavam de comdecorações e de fardas. Sua Eminencia o cardeal patriarcha presidiu no solio á funebre solemnidade.

A oração funebre, eloquentissima, foi proferida pelo capellão da ermida do Senhor da Pedra, em Obidos, o reverendo Antonio de Almeida.

O sr. general Francisco Maria da Cunha, chefe da Casa militar d'El-Rei — *A corporação da Armada aguardando o sr. ministro da marinha*

EXEQUIAS POR ALMA DAS VICTIMAS DO «AQUIDABAN» NA EGREJA DE S. DOMINGOS

A EGREJA DE S. DOMINGOS, ARMADA PARA AS EXEQUIAS EM SUFFRAGIO DAS VICTIMAS DO «AQUIDABAN»

ELOGIO DAS CREADAS DE SERVIR

No *Primo Bazilio*, quando a creada Juliana se sente peor da pontada e pede licença á ama para ir ao medico, dizendo-lhe a ama que vá, mas que não se demore, ella resmunga, furiosa, com um suspiro agudo:

—«Todas o mesmo!»

Se as nossas creadas podem dizer das amas que ellas são todas o mesmo, já o mesmo não podem dizer as amas quando falam das creadas.

Porque cada creada nova é uma nova revelação.

E ninguem diga que está farto de as conhecer e que muito bem sabe o que ellas são. Cada qual só conhece as que tem tido em casa, e nem suspeita sequer o que sejam as outras que ainda possa vir a ter.

Costuma-se dizer que hoje já não ha creadas como as que havia n'outro tempo, e quem o diz admira-se. Mas admira-se não sei bem porquê. Os tempos mudam, e tudo muda com os tempos: pois tambem a creada tem mudado com os tempos.

Começa a gente por queixar-se agora de que ellas não párem nas casas, havendo casas onde a creada já não passa mais de dois mezes, e chegando até a haver outras onde não ha um mez em que não passem por lá duas creadas. Pois quando é que nós, patrões, paramos agora na nossa propria casa? Nunca, ou quasi nunca. Cada um de nós, pelo menos (mas menos eu), tem quatro, cinco, seis empregos; e comquanto nem seja sempre para os empregos que vamos, dizemos sempre, quando saimos de casa, que vamos para os empregos. Temos uns poucos de empregos, porque nos puzemos em habitos de gastar por anno uns poucos de contos de réis. N'outros tempos, não era o mesmo. Havia menos em que gastar, gastava-se menos; e como se gastava muito menos, muito menos se precisava ganhar. Não havia, portanto, tanto afan, nem razão a dar em casa para o andar sempre por fóra.

As mulheres d'aquelles que assim desataram a accumular funcções, vendo-se sem ensejo de se encontrar em casa com os maridos, começaram a vir para a rua, a vêr se conseguiam pôr-lhes a vista em cima, e colher d'elles um ar da sua graça. E assim se chegou á perfeição de, muitas vezes, voltar o marido para casa á hora do jantar e ter de esperar pela esposa, que ainda anda por fóra — a vêr se encontra o marido!

Evidentemente, se nós, donos de casa, não paramos em casa, como havemos de querer que só as nossas creadas parem n'ella?

Depois, de cada vez que ellas nos pedem licença para ir visitar uma tia, ou para ir saber d'uma prima, ou para ir vêr uma senhora em casa de quem já serviram, ahi damos nós por paus e por pedras contra o mau sestro em que se puzeram as criadas de já não lhes bastar, para o espairecimento, uma tarde de domingo em cada mez!

N'outro tempo, quando não havia tantos emprestimos publicos, nem tantas companhias, nem tantos sindicatos, nem tantos negocios bons como agora ha, vivia-se, entretanto, com bem maior desafogo. Toda a gente sabia o valor ao dinheiro e, sem o desbaratar, gosava a existencia como melhor podia. Não era preciso ser se muito rico para se poder ter duas creadas, uma para fazer a cozinha, outra para o serviço de fóra; e um creado de mesa e de recados. Ninguem sonhava ainda com os tramways electricos, nem sequer com os carros americanos, nem com os comboios rapidos de Cintra e de Cascaes. E só quem de todo em todo não podia é que não tinha o seu trem, sua boa sege ou tipoia. Ter trem importava ter cocheiro; e não raro se via sairem da mesma casa, no mesmo dia, e para a mesma egreja, dois noivados antes n'um cortejo só: a cozinheira com o cocheiro, o creado de mesa com a creada de fóra. A's vezes, se Deus era servido, ás alegrias da boda juntava se o baptisado.

Os marmanjos que assentavam praça e vinham dar o seu giro, desde a Cova da Moura até ao Passeio Publico, a olhar para as janellas, á cata de derriço, apanhavam uma dôr no pescoço, lá uma vez por outra com uma vidraça na cara —e mais nada. Andavam todas tomadas. Só os porta machados, de que já pouca gente hoje se lembra, é que tinham ainda assim um pouco de sorte com as creadas de servir, por causa das barbas, coisa que ellas nunca haviam sentido em cara de cocheiro ou creado de mesa, e que as picava na curiosidade.

Por esse tempo, a estatistica dos nascimentos não accusava depressões violentas, como agora. Ninguem sabia quem era Malthus, nem o que Malthus queria. Se o soubessem, desencavam no. Casal por mais modesto que fosse sempre havia de ter um filho. Para um, pelo menos, o pouco que houvesse chegava. Os rapazes cresciam como a erva, ao ar livre, a retoiçar p'lo quintal, a saltar muros, a marinhar pelas pereiras e pelas nespereiras, o que era gimnastica bem melhor que a dos modernos liceus. Iam á escola só para aprender a ler, pouco tempo lá estavam, voltavam cedo para casa. Muita coisa que

hoje se alardeia nos programas da instrucção publica, só em casa se aprendia na verdadeira perfeição. Não havia, por exemplo, quem tão bem nos ensinasse moral e civilidade, como o nosso pae e como a nossa mãe. Internatos em collegios só serviam para orfãos, e eram mais obra de

misericordia que negocio.

Voltavam os rapazes da escola e não tornavam a sair á rua. Já se não era nenhum fedelho, já a calça chegava até abaixo, já a penugem do buço aflorava aos cantos da bôca, e ainda não havia licença para recolher depois do cair da noite. E quando se tinha meia corôa por mez para a estravagancia era-se quasi tão rico como Rockefeller. Se não se podia ter cocheiro nem creado de mesa, e só havia uma creada, a creada punha-se de namoro com o filho da casa, não perdia tempo á janella, nem se demorava nas voltas, e o serviço, dentro e fóra, fazia-se que era um regalo.

Agora, ou não ha filhos, ou os que ha vão logo da ama para Campolide, para S. Fiel, para a Escola Academica. Nas férias, ou andam pelos cafés e bordeis até de madrugada, ou se fazem socios da Mocidade Catholica, ou correm a aventura de raptos de primas e actrizes de meia-tijella. E muitas vezes a creada, que já tinha feito tenção de procurar outra casa pela Paschoa, e só por ter ouvido dizer que o menino vinha a férias é que se deixara ficar mais um mez, nem sequer chega a apanhar-lhe uma atracadela!

Quem poderia passar toda a vida mettido entre quatro paredes d'um predio da Baixa, sem nunca ser senhor de pôr o pé na rua, nem de olhar para cima e só vêr o ceu? Ninguem. Pois ninguem deve querer para os outros aquillo que para si não queira. As nossas creadas são gente, como nós. Precisam ar, têm direito ao ar, exigem ar. Nos tempos em que ainda existia o Passeio Publico, de que inda ha instantes falei, não havia madama que ousasse sair de casa a dar o seu passeio, pagar as suas visitas, fazer uma volta pelas lojas de modas, sem se fazer acompanhar pela sua creada, em passo lento, um passo atrás. Em a ama lhe dizendo: «Jacintha, vá-se arranjar para ir commigo a casa da Sr.ª Baroneza ou á loja do Sr. Marques...» logo a creada, mal cabendo em si de contente, ia tirar do bahu a sua melhor saia de merino, o seu casaquinho curto de panno fino com botõesinhos de vidro e gola de espiguilha, calçava as suas muito apertadas botinas de cordovão, enrolava a primor e crivava de muitos ganchos as suas duas fartas tranças de cabello, punha na cabeça o seu lenço branco de sêda, que parecia sempre novo, dando lhe um nó muito solto por baixo do queixo, deitava no braço o lindo chale de ramagens, pegava gentilmente na sombrinha de setim de algodão pelo meio do cabo d'osso, e toda ella era riso, aceio, e pé pulando.

A Sr.ª Baroneza morava á Patriarchal, a loja do Sr. Marques era no Loreto, e para ir da Rua da Magdalena ao Loreto ou á Patriarchal, a pé e devagar, como então andavam as senhoras nas ruas de Lisboa, tinha-se bem, com a ida e volta, e a demora lá, para tres horas, para quatro horas. Isto duas vezes em cada semana, e umas semanas por outras mais — como em tempo de Quaresma por causa dos sermões — e aos domingos e dias santos á missa, á sexta-feira ao Senhor dos Passos da Graça, de tempos a tempos a um lausperene. Chegava-se a pontos de se ouvir a creada queixar-se não de pouco passeio, mas de tanto sair!

E não era só a visitas, ás lojas de modas e ás egrejas, que as creadas acompanhavam as amas. Levavam-nas as amas ao theatro se iam ao theatro, ao circo se iam ao circo, ao Passeio Publico se era ao Passeio Publico que iam. E este costume arraigava tanto no animo das servas a estima por suas amas, e no animo das amas a estima pelas suas servas, que sempre havia chôro entre ambas quando a creada deixava a casa para ir casar-se na terra, ou ir tomar conta dos irmãos pequenos se lhe morrera a mãe...

Veiu depois a moda de sairem as senhoras sós á rua, e pela rua andarem todo o dia sós, e a creada ficou em casa. Estranhou. Não gostou. Faltou lhe o ar, e quem soffre de faltas de ar não sabe o que é socego. Entrou com ella o desasocego. N'um domingo em que os patrões tinham resolvido ir passar o dia fóra de portas e se preparavam para a deixar ficar sósinha em casa, ella sentiu-se mais afflicta, uma coisa que subia por ella acima parecia que a suffocava, e declarou que ou os patrões lhe davam licença para sair tambem, ou em chegando o fim do mez se iria embora. Disseram-lhe que sim, que podia sair, acharam até que era muito razoavel que ella tambem saisse. Foi o que a perdeu.

Sósinha, sem destino, n'uma formosa tarde de domingo pelas ruas de Lisboa, encontrou logo o que era natural que encontrasse: um soldado da Guarda Municipal, que galnardamente se offerecia para acompanhá-la. Ella sentiu-se lisongeada e aceitou-lhe a amabilidade. Estavam no Largo de S. Roque. Foram andando para cima, ao lado um do outro mas a alguma distancia, falando a meia voz e olhando para o chão, para os bicos das botas, e para as pedras da calçada. Em S. Pedro de Alcantara sentaram-se um bocadinho num banco, embevecidos na linda vista que d'ali se desfructa: a Graça, a Penha, o Castello, o relogio da Sé.

D'onde era ella?

—«De Bizeu... arredada duas leguas...»

—«Ena, que longe!» considerava elle. E como era longe, chegava se mais para ella—p'ra que ficasse mais perto.

As ruasinhas do jardim tinham sido alindadas de pouco com uma camada de areia nova. E emquanto conversavam, sempre com os olhos pregados no chão, como se fossem procurando o melhor caminho para chegar mais depressa ao ponto que ambos desejavam, iam riscando na areia, ella com a ponta da sombrinha de cabo d'osso, elle com o seu junco comprado na Rua do Arsenal. Num dado momento, ao acaso, a ponta do junco tocou a ponta do cabo da sombrinha sobre o mesmo grão de areia, mas logo se afastaram uma da outra, descrevendo cada qual sua linha curva, primeiramente bojuda, um pouco para cima, depois adelgaçando ao voltar para baixo, até se encontrarem outra vez, em baixo, as duas pontas n'uma ponta só. Que acaso, que coincidencia, e que graça! O junco e mais a sombrinha tinham desenhado um coração... Olharam-se, sorriram, estava pegado o namoro.

Depois d'esse dia, nunca mais Deus deitou um domingo ou dia santo á terra, sem que a creada de Lisboa pedisse licença para ir dar o seu passeio. A principio ainda ella teve o pudor de inventar pretextos: o mais sabido era o da visita «áquellas senhoras» em casa de quem tinha estado a servir seis annos, em Belem... Mas a breve trecho, nem isso. «Eu cá, minha senhora—dizem agora todas ellas mal nos põem o pé em casa—sou muito franca: domingos e dias santos é para ir vêr o namoro!» Quem quizer queira, quem não quizer não queira.

Outra pécha que muito se nota agora nas creadas é o meterem a unha nas compras. O caso não tem desculpa, mas tem tambem, como tudo o mais, sua razão de ser. D'antes, as senhoras que tinham creada era á creada que davam todos os seus vestidos que haviam passado de moda, todas as suas botinas roídas nos saltos, todas as suas velhas rendas e todos os seus velhos fichus. A creada ganhava dezoito tostões, mas eram dezoito tostões liquidos, que se metiam no fundo do bahu ao fim de cada mez e que no fim de cada anno sommavam vinte e um mil e seiscentos. Agora, sim! Agora, as patrôas arrecadam tudo a sete chaves, vestidos, botas, rendas e fichus, e esperam que vá lá a casa a Sr.ª Marcolina, ou a Sr.ª Benedicta, que de tudo aquillo fazem uma trouxa e o vão vender por outras casas, á esposa do pobre Pinto e á esposa do pobre Caldas, de quem as visinhas dizem não saber d'onde lhes vem o dinheiro para tantas sêdas, para tanto calçado de verniz, para tantas rendas... Dizem as senhoras que o quartinho ou os quinze tostões muito espremidos com que depois voltam Marcolina e Benedicta, lhes fazem grande arranjo lá para os seus alfinetes. Perfeitamente. Mas como ha de a pobre creada andar vestida com decencia, e calçada com decencia, para não envergonhar os amos, se em troca do muito que lhe davam para o seu arranjo apenas lhe augmentaram cinco tostões no ordenado?

Não, patrôas, não! A culpa não é d'ellas. Ide vê-las chegar á estação do Rocio, pelos comboios ronceiros que as trazem do Norte, ou á estação do Terreiro do Paço, pelos vapores do Barreiro que as trazem do Sul, fugidas da selva, do monte, da lavoira, a saia curta de lã urdida em estopa, a camisa de linho grosso, o lenço vermelho e amarello prendendo lhe a trança, o pé batendo tamanco, o sacco da roupa á cabeça ou trazido debaixo do braço, olhos pasmados, bôca aberta, medo de tudo... Ide vê-las depois, arrebanhadas pela agencia, instruidas pela agencia, empurradas pela agencia, para as surprezas da «casa decente», da «casa do homem só», do «todo o serviço». Meditae um pouco sobre o que muitas vezes as espera na vossa propria casa, no serviço que d'ellas exigis em troca do misero ordenado que lhe daes, na desordem domestica de que a tornaes testemunha, na vida de ficção de que a fazeis participar, na indisciplina de que lhes servis o exemplo, na perversão de que lhes despertaes a cubiça... E vereis, se quizerdes vêr, patrôas, que a culpa não é d'ellas—se as creadas de hoje já nada são o que eram as creadas d'outro tempo.

Direis talvez que se a culpa não é d'ellas, vossa tambem não é. Tereis razão. Todos temos razão. A culpa é dos tempos: dos tempos d'hoje, dos tempos d'agora, dos nossos tempos...

ALFREDO MESQUITA.

ADELINA... NO «AVARENTO!»

Uma bella noite, o conde d'Arnoso — um fidalgo espirito de artista — foi ao Principe Real, pelo braço d'um amigo, vêr a *Rosa Engeitada*. A certa altura, na scena do tribunal, enthusiasma-se com o trabalho da protagonista, commove-se, levanta-se n'uma ovação sentida e vibrante, e pergunta ao amigo que o acompanha, desabotoando a luva para applaudir melhor:

— Mas quem é esta grande actriz... que ninguem conhece?

D. João da Camara revelára-a á grande roda, — como Décourcelle a revelára ao publico grosseiro do dramalhão. Era Adelina Abranches. De então para cá, o seu nome fez-se. O châle da *Rosa* levou-a a D. Amelia; o toucado multicor da *Mexicana* fel-a actriz de 1.ª classe em D. Maria. Por ultimo, ella, que já tivera um garoto *talon-rouge* no *Richelieu*, um garoto philosopho na *Anecdota* e um garoto sentimental no *Gaiato de Lisboa*, que corrêra toda a escala do travesti *em novo*, - quiz experimentar mais uma vez o travesti *em velho*, e como *pendant* ao velho Rufo dos *Cordeaes*, acaba de ter um successo no Harpagão do *Avarento*.

Ella, — tão pequenina! Pequenina como um bonbon, pequenina como um capricho, pequenina como uma cabeça d'alfinete...

Que admira, — se é nos pequenos frascos que cabem as grandes essencias!

Porto, 25 de fevereiro.

São tres horas da tarde. O dia melhorou consideravelmente. O sol brilha no ceu sem nuvens. Desde pela manhã que dos arrabaldes, dos bairros excentricos, da provincia, conflue para as ruas e praças por onde passará o cortejo do Club dos Fenianos uma multidão ruidosa e irrequieta. Todos os comboios despejam na estação de S. Bento milhares de forasteiros, acudidos á ultima hora, a tempo de vêr ainda o numero sensacional das festas. Mas a grande maioria dos provincianos installou-se. Ha uma semana que não ha alcova devoluta em hotel ou casa de hospedes. Tem-se a impressão de que toda a provincia emigrou para o Porto. Não ha uma palavra, com bastante sonoridade, para dar uma idéa das multidões compactas que enchem, n'este momento, as ruas do Porto. Quem contempla o centro da cidade, quer na vasta praça de Carlos Alberto, no largo do Carmo e na praça dos Voluntarios da Rainha, quer do alto dos Clerigos, junto á escadaria da egreja, quer do alto da Batalha e do adro dos Congregados, quer ainda do cimo da rua de Sá da Bandeira, de junto do mercado do Bolhão, não vê senão um mar, um mar immenso de cabeças, que vae e vem, ondeante e formidavel. Não será exagero dizer que o cortejo do Club dos Fenianos foi presenceado por mais de duzentos mil espectadores. Nunca um tão extraordinario espectaculo teve um tão immenso publico. São as grandes multidões, que se vêem descriptas nos romances, as que se contam ás cem mil, as multidões que formam parede e atravez das quaes é impossivel romper. E de repente, todo esse formigueiro humano oscilla, agita-se, n'um movimento unisono. Um rumor, depois um grito, composto de dezenas de milhares de vozes ascende do grande mar inquieto de cabeças.

No alto dos Clerigos, assomam os pennachos da guarda municipal. E' o cortejo que chega. A seguir, depois de um pequeno intervallo, apparece um grupo de cavalleiros, de calção cinzento e casaca verde, representando a direcção do Club. Atraz, a banda dos Bombeiros Voluntarios, vestida com trajos vermelhos e brancos—a

Carro do amôr (Girondinos)

côr do estandarte dos Fenianos. O ruido vibrante das musicas não consegue abafar o rumor da immensa multidão. O espectaculo é n'este instante grandioso. Em frente á egreja dos Clerigos, tornejando da rua das Carmelitas, surge, n'um esplendor de ouro, o carro da cidade, de que a «Illustração Portugueza» deu, primeiro do que todos os jornaes do Porto, a photographia. O magestoso carro representa uma enorme caravella, recamada de ornatos caprichosos em ouro. A' próa levanta-se a figura do infante D. Henrique. A' pópa ergue-se a figura da Fama, empunhando a tuba. Sobre a caravella esvoaçam pombas brancas. O grandioso carro é puxado a tres parelhas de cavallos brancos, com xaireis de seda branca e côr de rosa franjados de oiro e seguido de dezeseis cavalleiros armados, vestidos á epoca de D. João I: barretes com faixas de seda enroladas ao pescoço, gibões e saios de velludo com as armas portuguezas no peitoral, em brocado de côr. Depois, o Real Centro Philarmonico de Cordoba, com os seus pittorescos trajos de velludo negro. Estrepitosos applausos saudam o carro imponente, que bamboleia a sua prôa dourada, em cujo lanternim de caravella resplandece um foco de acetylene.

Mas já a figura da Fama se perde ao longe, entre salvas de palmas. Novas musicas estrugem. Começa a cavalhada organisada pelo Grupo dos 29 socios do club dos Fenianos. Este numero do cortejo é de uma requintada distincção. Abre pela *victoria* do presidente do grupo, dr. Ricardo Bartol, filho do conde de Lumbrales.

Vestindo magnificos trajos de velludo carmezim, seguem dois clarins montados. Tres creanças, vestidas de pagens, com gorros de seda azul com plumas brancas, cavalgam em tres *poneys*, levando o do meio hasteado o pendão do Grupo dos 29, em seda azul, com a figura da Folia. Depois, a guarda de honra, composta de dez cavalleiros do grupo e logo a seguir uma banda de doze pifaros e dez tambores. Perdia-se, n'esta altura do cortejo, a noção de se estar assistindo a uma marcha carnavalesca. Antes parecia uma revista retrospectiva de cavalhadas historicas. Ainda ao longe se avistavam os gibões medievaes dos palafreneiros e cavalleiros do carro da cidade, e já, oscillando nas suas molas de ferro, se via adiantar o sumptuoso coche antigo, da epoca de D. João V, tirado a tres parelhas de mulas, guiado por um cocheiro de tricornio emplumado, com os seus lacaios de taboa e de estribeira vestidos rigorosamente ao estylo da epoca. No coche, digno de figurar no museu de Belem, vinha a Rainha do Carnaval, de cabello empoado e vestida ao mais rigoroso estylo do tempo. Na almofada dianteira, toda de seda carmezim, viam-se atravez os crystaes polidos das portinholas as duas damas de honor, com a compostura de duas aias da rainha D. Marianna d'Austria. Atraz segue um *landau* tirado a duas parelhas de cavallos enfeitados com fitas e todo ornamentado a rosas-chá. Depois, um magnifico caleche antigo, forrado sumptuosamente de seda amarella e adornado com jacinthos, a que se segue um dos mais graciosos carros do grupo: uma grande *corbeille* de flôres. Em todos os carros vão senhoras, que atiram serpentinas, saccos de *bonbons*, ramos de violetas, camelias e rosas aos milhares. Vem agora um *break-chasse*, ornamentado a rosas-chá, puxado a duas parelhas de cavallos, um carro semelhando uma grande papoula vermelha, tirado egualmente a duas parelhas, outro *break-chasse* adornado a grinaldas de rosas, e o carro da direcção do Grupo dos 29, fechando o cortejo.

Carro do encerramento das lojas — Carro das Vinicolas (Girondinos)

Recomeça a cavalhada do Club dos Fenianos. E' primeiro o carro dos 9, com ornamentações singelas, apenas para jogo de carnaval, e atraz uma banda de musica, trazendo vestidas tunicas amarellas com charutos pendentes, e na cabeça barretes com charutos. Segue-se o *Grupo dos Tabacos*, composto por quatro rapazes mettidos dentro de enormes massos de cigarros e de outros seis em charutos immensos. Vem logo após o *Carro dos Tabacos*, de que a «Illustração Portugueza» deu já a photographia no seu numero de 26 de fevereiro. No centro do carro vê-se uma jaula com um grande touro, tendo por distico: *O Pura Tonga* (*Rica do Capirote*). A' sentando um jornalista manietado por uma corrente presa a duas espheras nas quaes se lê: *Leitura Previa — Intolerancia*. O homem leva uma rôlha na bocca. Na parte inferior do carro vê-se uma grande tesoura a cortar uma penna de pato. Guarnecem o carro cabeças de policias e exemplares de jornaes apprehendidos ou attingidos pela censura.

Segue-se um grupo de seis figuras, simulando policias á paizana, um carro japonez tirado a duas parelhas, conduzindo socios do Club, a banda dos Melros e o *Carro do Dentista Nacional*, egualmente reproduzido no primeiro numero da «Illustração Portugueza».

Carro reclamo do theatro de S. João (no cortejo dos Fenianos)

frente do carro, um masso de tabaco inglez, tendo espetados em leque nove cigarros. Aos lados, charutos enormes em profusão. Termina o carro com um grande throno, onde vae de pé um homem vestido de toureiro, empunhando uma espada formada por um charuto. Na base do throno lê-se *Emprestimo de 1:000 %*. Espalhadas pelo carro muitas libras monstras.

Ao *Carro dos Tabacos* devia seguir-se um pequeno grupo allusivo, que a policia prohibiu. Era a Rainha das Rolhas, com os seus caudatarios.

Ainda os risos com que a multidão recebera o *Carro dos Tabacos* não tinham terminado, quando um grande clamôr de applausos recebe o *Carro da Imprensa*, de que a «Illustração Portugueza» tambem já deu, no seu 1.° numero, a photographia. A' frente do carro destaca o busto de um policia: em uma das mãos um grande lapis azul — o lapis da censura. A meio do carro avulta um prélo primitivo, tendo na frente um homem, repre-

O successo de gargalhada obtido por este carro é indescriptivel. Tiravam-no duas parelhas de cavallos caracterisados de carneiros e guarnecidos a batatas. Sobre um estrado via-se um individuo fardado a apregoar os seus elixires. A allusão politica era á primeira vista comprehensivel aos menos perspicazes. O riso enchia toda a rua, acompanhava o carro no seu percurso, ficava ainda a resoar depois da sua passagem.

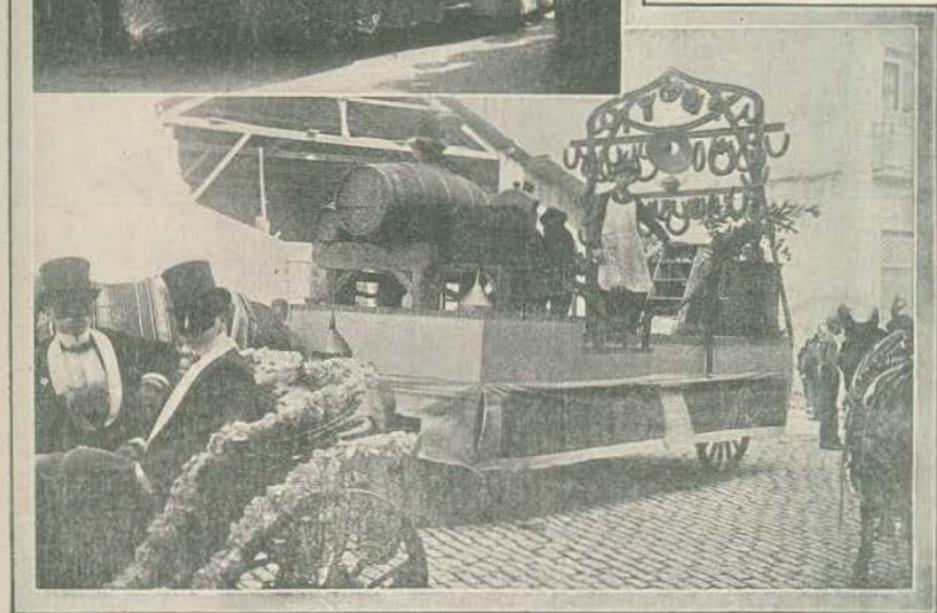
Ao *Carro do Dentista* succedia-se o *Carro do Progresso do Porto*: um caranguejo enorme puxado por duas juntas de bois. Seguia-se-lhe um grupo de mais seis caranguejos, o carro da Camisaria Confiança, o carro do theatro de S. João, um dos mais vistosos do cortejo, com movimento, figurando uma allegoria á *Aida*, e por ultimo o *Carro de Honra*, obra-prima de composição e de estatuaria, que a «Illustração Portugueza» reproduziu na quarta pagina do seu primeiro numero, fechando o imponentissimo cortejo, no qual iam incorporados

perto de cincoenta carros e cento e sessenta cavallos de tiro e sella, um grupo equestre de cavalleiros de Christo, com capacetes de viseira emplumada e saios de malha, empunhando lanças...

Porto, 27 de fevereiro.

Ainda mal se dissipara a impressão de ostentosa grandeza que revestira o cortejo dos Fenianos, e já a mesma multidão numerosissima coalhava nas ruas para assistir ao desfilar de um cortejo rival: o dos Girondinos.

Pela sua vivacidade, pelo seu espirito, por algumas das suas tão felizes e flagrantes *charges*, o segundo cortejo era em tudo digno do primeiro. Quando descia a rua de Santo Antonio, a sua scenographia encantava pelo conjuncto das fórmas e pela sabia combinação das côres. Avançava com uma ordem perfeita.

A' frente vinham seis soldados de cavallaria da guarda municipal, abrindo caminho. Depois, com lindos trajos de seda, com as côres do Club, seguiam quatorze clarins, acompanhados por alguns socios dos Girondinos, tambem montados e em vestes de passeio, tendo na lapella fitas vermelhas, brancas e pretas. Depois, era a charanga de lanceiros d'El-Rei, que tocava o hymno dos Girondinos.

Carro reclamo do theatro de S. João (outro aspecto, Fenianos) — Carro das falsificações (Girondinos)

O primeiro carro, rutilante d'oiro, que a luz tornava flammejante, era um castello, a cujas ameias rendadas afflorava uma cabeça de guerreiro. Na base d'este baluarte gentil, decorado d'ornatos dourados, desfraldava-se ao vento o pendão do Club, hasteado por um socio, com um riquissimo trajo dos tempos da capa e espada. A guarda de honra que seguia este carro era esplendida. Os cavalleiros que a compunham vestiam de Mosqueteiros, com uma opulencia deslumbrante de velludos e de setins, longa capa preta, chapéu de plumagens ondeantes, bigode arrebitado e cabelleiras em aneis.

ideia que presidiu á sua factura. Dois gallos, cada um no seu poleiro, ameaçavam-se, entre garrafas de vinho fino, de *champagne*, de vinho de meza. Alludia-se a uma questão que ainda se encontra nos tribunaes e que tem apaixonado a opinião publica.

Um outro carro, *O Electrico*, constituia, sem duvida, uma das ironias mais vivas do cortejo. Puxado por duas juntas de bois, movia-se vagarosamente um d'esses carros da Companhia Carris, atestado de malas e de passageiros inquietos. Na plataforma da retaguarda, enfermeiros da Cruz Vermelha, para o que désse e viesse. Os passageiros faziam um tumulto dos diabos e

Carro de honra do Club dos Girondinos

Atraz seguiam carruagens com a direcção do Club e com socios em *travesti*, e o *Carro do encerramento das portas*, uma picante e satyrica allusão ao descanço dominical.

Mais *landaus* com socios mascarados, e, emfim, o *Carro do peccado*, uma fina composição de commentario — á Biblia e ao peccado original. Uma serpente colleando-se sobre uma serrania enorme, e maguificamente bem lançada, tentava a Eva loira e appetitosa com a maçã que ficou celebre nos fastos da religião catholica. Ainda mais *victorias* com socios em trajos carnavalescos, e, depois, o *Carro do Amor* — uma fulgurante satyra ao amor contemporaneo.

Quatro cupidinhos nús, movendo-se constantemente, agitavam sobre a cabeça de uma tentadora mulher, saccos com estas legendas eloquentes: — dez contos de réis, libras, dinheiro! E, sob essa chuva de riqueza, o sentimento positivamente hesitava! A este carro, que como satyra e como *verve* era, incontestavelmente, um dos melhores, seguia-se um rancho de «patos» — alguns depennados, de um comico admiravel.

O *Carro das Vinicolas* soberbamente interessante pela

o Zé Povinho, que queria entrar, mas que não podia, reclamava com furor. A multidão, percebendo a intenção de aquelle humorismo, especialisou-o nas suas espontaneas acclamações. Os *Pauliteiros Mirandezes*, em trajos de phantasia e de uma grande belleza, bailavam atraz, nas suas danças pittorescas.

Depois era o *Carro das estações do anno*, lindissimo, e de um arranjo, de uma inspiração, de um esplendor admiraveis. Entre moitas de arbustos em flôr, lindas creanças ricamente vestidas figuravam a Primavera, o Verão, o Outomno e o Inverno, e eram, com effeito, amorosas e bellissimas rosas. Os elephantes, cobertos de pannos de sêda, marchavam pachorrentamente, seguidos de uma cavalgada vistosa de cavalleiros orientaes, morenos e de olhos negros, fumando cachimbo.

Houve um contratempo. O proprietario dos enormes pachydermes, tendo recebido na vespera 1:800 francos, para que elles fizessem parte do cortejo, negava-se, á ultima hora, a sair, sem que lhe garantissem vinte contos de réis. Teve d'intervir a policia, que sempre conseguiu vencer a resistencia d'esse homem; mas, como se apresentasse muito tarde com os elephantes, não poderam

estes ser ajaezados como estava combinado: levando sobre o dorso palanquins. Foi este o motivo que demorou a saida do cortejo. Ia, seguidamente, o Orpheon Salamantino, levando á frente o seu director, com uma bandeira magnificamente bordada.

Um dos carros allegoricos que causou hilaridade foi o do coreto da Batalha, que andava por si mesmo, levando em cima o *Zé da Gaita*, tocando furiosamente. Acompanhavam-no tres campinos rugindo um *hallali* medonho.

Curiosissimo e muito bello era o *Carro dos Girasóes*. A banda, tambem dos girasóes, toda de verde e amarello, tocava enthusiasticamente o hymno dos Girondinos.

D'aqui em deante, o exito do cortejo era inteiramente popular e provocava o riso sem acidez, humano, desopilante.

O *Carro das falsificações* era uma verdadeira *troxraille*, no genero. Sobre um estrado de madeira arqueava-se o bojo d'uma pipa, com um funil em cima, para onde um taberneiro despejava todas as porcarias: — agua suja, cisco, pó, anilina. De vez em quando, abria a torneira, para avaliar — com a vista — a *tiborna* manipulada, emquanto o proprietario d'essa rica e substancial *pinga* commandava a operação, com um grande martello na mão direita. Atraz da pipa uma grade com chouriços, que meia duzia de *artistas* pintava sem descanço.

O *Carro dos talhos* era tambem

Carro das carnes verdes (Girondinos)—Carro dos tabacos (Girondinos)

O *Carro da espiga*, que se seguia a este, era formado por um gigantesco charuto e assentava sobre um estrado em que grandes espigas de milho loirejavam. Meia duzia de *Zés Povinhos* berravam, por cornetas acusticas de papelão: — «Que grande espiga!»

O carro da imprensa era original. Sobre uma batata consideravel, rodeada de exemplares de todos os periodicos que diariamente se publicam no Porto, desabrochavam viçejantes cravos. Aos lados da batata, duas quadras, uma ao *Janeiro* e outra ao *Norte*. Havia, n'este carro, uma allusão directa á censura.

uma picante ironia. Peradas pernas de boi, sangrentas e com varejeiras do tamanho de gallinhas, expunham-se á vista de toda a gente, com disticos enormes e pittorescos — «Carne de tres dias, 200 réis; carne de quinze dias, seis tostões». Os cortadores agitavam furiosamente facalhões tragicos, fazendo esgares para a multidão, que ria a bandeiras despregadas, sobretudo quando appareceu o enxame das varejeiras, que era esplendidamente comico e que seguia esse carro.

Muito alegre e perfeito, como *charge*, o *Canudo do saneamento*, cheio de tubos de grés, de travessas de madeira, com disticos «impedido», com outros apetrechos ainda, que um inglez de grandes suissas grisalhas fazia mover. O *Zé Povinho*, que ia tambem n'este carro, jogava larachas ao mesmo subdito britannico. A guarda de honra era formada por doze tremendos canecos, com que se fazem os despejos da Venus cloacina.

Aspectos do carro dos Girasões (Girondinos)

O cortejo fechava com o *Carro do Fogo*, guiado por um diabo e rodeado de diabinhos, todos de vermelho e agitando grandes flôres escarlates, e era acompanhado por um outro, todo de verdura, em que Zés Pereiras faziam uma retumbante algazarra.

(Clichés de Guedes de Oliveira)